Panorama da condição atual de trabalho dos jornalistas esportivos brasileiros: um estudo piloto[1]

Guilherme Gonçales Longo[2]
Universidade de São Paulo – USP

Resumo
Nos últimos anos, o trabalho do jornalista vem passando por profundas modificações, com a predominância do online e das redes sociais, o enxugamento das redações e as mudanças nas relações de trabalho, situação que impacta também aqueles que trabalham com esporte. Este artigo traz um estudo piloto que procura compreender a situação atual de trabalho do jornalista esportivo. Através de um formulário no Google Forms, ouviu-se jornalistas de todo o país para compreender o perfil do profissional e seu regime de trabalho, além de questões contemporâneas de trabalho, como o uso de inteligência artificial, a pejotização e sua relação com as redes sociais. Apesar de se tratar de um estudo piloto, o resultado revelou tendências preocupantes do trabalho jornalístico, e aponta melhoras no formulário para a realização de uma pesquisa mais ampla.

Palavra-chave: jornalismo; jornalismo esportivo; trabalho; pejotização; inteligência artificial

Ao longo do século XXI, o jornalista brasileiro viu seu mundo de trabalho passar por diversas mudanças, das quais podemos destacar a queda da obrigatoriedade do diploma, o impacto do online nas rotinas de produção, o enxugamento das redações e o surgimento dos veículos nativos digitais, além do impacto da plataformização e da pandemia da Covid-19.

Mesmo sendo uma das editorias que mais se utilizou das potencialidades do online, aproveitando a liberdade de produção para expansão do seu escopo de atuação, o jornalismo esportivo também se encontra no meio dos problemas que a profissão vive.

Este trabalho consiste em um estudo piloto que visa compreender a condição atual de trabalho dos jornalistas esportivos brasileiros. Através de um questionário feito no sistema Google Forms e distribuído através de grupos de jornalistas no WhatsApp, foram feitos questionamentos sobre tópicos como regime de trabalho, relação com redes sociais, utilização da inteligência artificial no dia a dia, relação com as assessorias, acesso às fontes e mais.

Optou-se por um estudo piloto para avaliar e aprimorar os instrumentos e procedimentos da pesquisa, conforme Canhota (2008), além do pouco tempo disponível

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutorando em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCom/USP). O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: guilherme.g.longo@usp.br

para fazer algo mais amplo. O documento contava com 24 perguntas, sendo 21 fechadas e três de respostas abertas. Para criar um grupo de controle, o link foi compartilhado somente nos grupos de membros das Associações Estaduais de Cronistas Esportivos. Por ter sido disparado no recesso de fim de ano, foram coletadas apenas 41 respostas.

No âmbito da idade, o grupo mais representado foi o de 51 a 60 anos, com 29,3% das respostas, seguido de 31 a 40 anos e mais de 70, com 22% cada. Sobre a região de residência, houve uma grande predominância do Sudeste, com 65,9%, seguido do Centro-Oeste com 22%.

Acompanhando o movimento da pejotização, 82,9% dos respondentes disseram ter um contrato de trabalho PJ, contra apenas 17,1% de CLT. Isso pode ser analisado em conjunto com outra pergunta, onde 80,5% afirmaram trabalhar com o meio online, seguido de 53,7% de redes sociais.

Buscando entender as condições de trabalho, 53,7% disseram trabalhar em home office, contra 14,6% em redação. Já sobre a cobertura in loco de eventos esportivos, 48,8% disseram fazer este tipo de trabalho frequentemente, ante 26,8% de participação esporádica, 19,5% de sempre e 2,4% para raramente ou nunca.

Tópico quente nos debates atuais sobre o trabalho jornalístico, 75,6% disseram não utilizar a inteligência artificial em seus trabalhos. Os 24,4% que responderam positivamente afirmaram que utilizam a ferramenta para correções ortográficas, formulações de legendas e traduções.

Sobre a produção de conteúdo autoral em seus veículos, a maior fatia dos respondentes, 34,1% apontaram que apenas 20 a 40% do conteúdo veiculado é fruto de trabalho próprio, refletindo uma realidade contemporânea do trabalho jornalístico, o que Neveu (2006) chama de "jornalista sentado", onde o profissional produz conteúdos idealizados por outros, como as assessorias.

Apesar de ser apenas um estudo piloto, esta pesquisa já apontou algumas tendências preocupantes do trabalho jornalístico, como a precarização da profissão, que força os jornalistas a buscarem fontes de renda alternativas. Outro ponto que chamou a atenção é a quantidade de ataques que estes sofrem nas redes sociais.

Porém, este trabalho serviu como um ponto de partida para uma pesquisa mais ampla, que visa atingir uma quantidade mais representativa de jornalistas esportivos brasileiros no futuro. Esta primeira versão já aponta para alguns pontos de melhoria, como um recorte de gênero, a inclusão de perguntas sobre o trabalho de *freelancers*,

sindicalização e a formação dos profissionais, devido à queda da obrigatoriedade do diploma.

Referências

ANTUNES, Ricardo; BASSO. Pietro; PEROCCO, Fabio. O trabalho digital, seus significados e seus efeitos no quadro do capitalismo pandêmico. In: ANTUNES, Ricardo (org). **Icebergs à deriva.** O trabalho nas plataformas digitais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023

CANHOTA, Carlos. Qual a importância do estudo piloto? In: SILVA, Eugénia Enes da (org.). **Investigação passo a passo:** Perguntas e Respostas Essenciais para a Investigação Clínica. Lisboa: APMCG, 2008

FREITAS, Lorrana Rodrigues; RAMOS, Daniela Osvald. Aproximações entre a plataformização do jornalismo e a pejotização do trabalho de jornalistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46, 2023, Belo Horizonte, MG. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2023

GRAEFE, Andreas. **Guide to Automated Journalism**. Nova York: Tow Center for Digital Journalism, 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_automated_journalism.php. Acesso em: 05 jan. 2025

LIMA, Samuel; MICK, Jacques *et al*. **Perfil do jornalista brasileiro 2021:** características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópilis: Quórum Comunicações, 2022

NEVEU, Erick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006

NICOLETTI, Janara; FÍGARO, Roseli. Plataformização do trabalho dos jornalistas: uma outra face da precarização. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20, 2022, Fortaleza, CE. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2022

VAN DJICK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martjin. **The Plaform Society** – Public Values in a Connective World. Nova York: Oxford University, 2018

WINSTON, Patrick Henry. **Artificial Intelligente**. 3rd Edition. Boston: Addison-Wesley,1992